



## Um gringo nas letras sul-rio-grandenses

Amalia Cardona Leites\*

No presente sistema de critérios pertinentes às representações regionais, a literatura de matiz regionalista permite observar que os dominados nas relações de forças simbólicas entram em luta de forma isolada e não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade. Dessa forma, a América Latina, com sua história de colonização, exploração e estupro da cultura nativa, é um ambiente que também fala por si através de suas narrativas.

Sendo um tema constante para seus artistas e intelectuais, a Latino-América é, mais do que isso, um problema para todos aqueles que a abordam. Ora como presença peremptória, ora como sombra inquietante, vibra por detrás de cada criador. Entendemos, contudo, que a “identidade regional” não se atém ao fato de sermos latino-americanos. Tomada como múltipla, e nunca fixa, a identidade que se busca na análise do conto “Guapear com frangos”, de Sergio Faraco, remete à luta do homem contra o mundo natural. O cenário relativamente isolado e, em muitas partes, até inexplorado, aparece com força nessa história curta.

Em toda a obra do contista sul-rio-grandense, é marcante a influência da fronteira, responsável pela plasticidade da linguagem e

\* Graduada em Letras (Universidade da Região da Campanha – Urcamp/RS).

das narrativas, centradas em cenas do cotidiano e desenvolvidas através de diálogos rápidos, de estilo conciso e coloquial. Entretanto, a fronteira aqui não se reduz aos limites geográficos, porém se amplia no tratamento de temas derivados dessa concepção e se enriquece ao desenvolver aspectos que indicam transição, mudança e mistura.

O Pampa é o território e o pano de fundo que permite entender os dramas vividos pelos protagonistas; contextualiza a realidade à sua volta e legitima sua ação, sem escamotear suas enfermidades pessoais. É também a marca cultural desse escritor fronteiriço, produto de uma cultura histórica e socialmente diferenciada do Brasil como um todo, que lhe permite ver o mundo de uma perspectiva local e também o habilita a valorizar o seu lugar por meio de situações-limite vivenciadas por seus personagens.

A vida no Pampa mostra-se plena de humanidade, de luta, de anseios por sobrevivência digna, de busca, de amor intenso, de emoção. Essa procura é indício da batalha pela sobrevivência, por decência, amor, e guarda a lembrança de uma condição que ficou para trás. Tais aspectos favorecem também uma narrativa de introspecção, destacando qualidades humanas e apresentando um tratamento temático uniforme. Esse tema vem a ser perseguido com uma regularidade obsessiva, que pode até ter sido responsável pelo anunciado encerramento da atividade produtiva do contista.

A partir da fixação do imaginário regional, no entanto, a obra de Faraco incorpora e amplia a questão da fronteira, bem como dramatiza a luta humana em diferentes situações de vida. O autor recorre à tradição para fixar a memória de seres humanos que se reconhecem ao se afastarem do estereótipo do brasileiro. Para tanto, vale-se de uma linguagem caracteristicamente regional, seja pelo vocabulário utilizado, seja pelos elementos que compõem a narrativa

em análise. Ao mesmo tempo, dá voz a homens e mulheres que vivem uma existência fragmentada e dramática. O gaúcho aparece não como estereótipo, mas como o trabalhador rural, proletário, figura humana em uma dimensão sociológica. A interação do tipo humano regional com o espaço em que vive, mais propriamente com a natureza – o vasto Pampa –, reafirma sua identidade e pertencimento.

Essa é uma representação dos “confins” (cf. Antelo: 2006, 59-82), um espaço onde as imagens compactas do Modernismo – autonomia, nação – não imperam, mas convivem com imagens ausentes, fruto do viver em fronteira e de todo contato decorrente daí. O confim seria, portanto, a realidade em sua forma extrema, um pensamento estendido entre o sujeito e o mundo, entre o real e o ideal, a união de opostos aparentemente não superáveis, o pensar o lado de dentro e o de fora.

A realidade da vida na fronteira é permeada por essa fluidez, esse vagar de um lado a outro, entre culturas aparentemente tão distantes que, se observadas mais de perto, acabam por unir os diferentes e ajudam a compreender o caráter universal da regionalidade: aquele ponto em que se pertence a vários lugares e, ao mesmo tempo, a nenhum, o eterno estrangeiro.

Também através do entrecruzamento de idiomas, costumes e destinos, Faraco opta pela condição humana e dá uma dimensão mais ampla à noção de fronteira, em que inclui, por exemplo, os “turcos”, ou seja, imigrantes libaneses, palestinos, sírios etc. Também os “gringos”, que é como denominam na região fronteira, dentre outros forasteiros, os alemães e os italianos. Cabe ressaltar que Sergio descende, pelo lado paterno, do avô Biaggio Faraco, um gringo de Lauria, cidade italiana situada entre a Calábria e a Basilicata.

As presenças de tais etnias que, entre outros elementos, compõem a diversidade cultural da Fronteira Oeste do Rio Grande

do Sul, podem ser detectadas nos contos de Faraco. Também estão deliberadamente impressas nos seus livros de crônicas, como *O chafariz dos turcos* (1990); *A lua com sede* (1993); *Gregos & gringos* (1998). Por tudo isso, o escritor de Alegrete diz a que veio e quem é nas letras rio-grandenses. Da mesma forma, no panorama literário internacional.

Em seu conto “Guapear com frangos”, o cadáver de Guido Sarasua é encontrado no Rio Ibicuí, após três dias de busca. Sarasua havia se aventurado a atravessar o rio em um novembro demasiadamente chuvoso e não havia logrado o intento. Os que saem em sua busca encontram o corpo perto do lugar onde estava o bote, singrando solenemente, e o lançam. O corpo de Guido está esverdeado, putrefato, já sem os olhos, comidos pelos peixes.

O grupo divide as “tarefas”: avisar a família, chamar um padre, levar o defunto para casa, essa última cabendo ao tropeiro López. Este, acostumado a lidar com a morte, amarra Sarasua em uma forquilha que prende em seu cavalo e inicia o trajeto. Já de início, a podridão do corpo requer um esforço maior a fim de que López consiga acomodá-lo na forquilha, para a travessia que duraria cerca de duas horas.

A quente manhã de novembro obriga-o a ir contra o vento, pois o inchaço e o fedor do corpo se tornam cada vez maiores, chegando ao ponto de o tropeiro ter que apeiar rapidamente do cavalo para vomitar. Enquanto cisma, fuma um cigarro e pensa nas coisas da vida e da morte, um relincho do cavalo chama-o de volta: um tatu devorava pedaços do ventre e do pescoço do cadáver. López percebe que precisa ser mais ágil do que os animais.

Sai a trote, sem olhar para trás, sob um sol a pino. Fuma sem parar para não padecer com o cheiro e se distrai com pensamentos tolos. Seu cavalo relincha ameaçadoramente e ele decide verificar o estado de sua carga. Guido Sarasua já traz uma cova na barriga e uma parte das

costelas bem exposta. O tropeiro não aguenta, sai vomitando para longe do mau cheiro e daquela visão terrível. Cogita até abandonar o falecido ali e se embebedar no primeiro bolicho, mas seu caráter demasiado reto o faz desistir e voltar para sua missão.

Dois corvos espreitam do céu o cadáver de Sarasua. López percebe e pega o revólver. Tonto, zozzo, erra a mira e mal consegue montar no cavalo de novo. É meio-dia, o calor faz-se insuportável e um grande zumbido acompanha-o na viagem – é o bicharedo trabalhando incessante no morto, que se resume agora a um par de pernas despedaçadas, um rosto irreconhecível, um peito descarnado, um grande buraco negro das costelas para baixo.

Gritando, López começa a espantar as moscas e, alucinado, atira. Quando volta a si, enfraquecido, torna a vomitar, sentindo suas forças acabarem. Cai e é quando avista o corvo negro se aproximando. Consegue matar o animal, porém a tontura, a zonzeira e os calafrios fazem com que desmaie. Fica nesse estado por menos de uma hora, mas quando desperta sequer sabe onde está. Distingue seu cavalo pastando tranquilamente a distância, mas nenhum sinal do cadáver. Então se preocupa, ouve o som do banquete que os animais estão fazendo com Guido e chora.

Uma dúzia de aves disputa os pedaços de carne. López vai até elas cambaleante, com o revólver, e começa a atirar. Perde quatro balas, contudo espanta quase todos os bichos, menos um dos carnicheiros mais pesados, que não consegue fugir. Ele pega o corvo e está prestes a matá-lo. No entanto, a força falha e a ave foge, enquanto um bando inteiro já revoa no céu à espera do alimento.

O tropeiro admite que não adianta nada lutar com aqueles “frangos negros”, pois assim é a vida, sua e de todos os seus companheiros. Peixes, moscas, tatus, ratos e aves carnicieras haviam

comido o bucho, as coxas e os bagos de Sarasua. Os amigos levariam seus pertences e sua mulher... Nada adiantaria tentar mudar a situação. Frente à inevitável fatalidade, López abre o último osso do peito do morto com um facão para facilitar o trabalho dos bichos.

O título do conto, “Guapear com frangos”, refere-se ao tipo de conflito principal que permeará todo o texto: López contra os animais que querem de qualquer forma alimentar-se dos restos do velho Sarasua. Guapear, aqui, é o mesmo que lutar, e os frangos, que aparecem como “frangos negros” em outra edição do mesmo conto, reescrita pelo autor (Faraco, 2004) são os grandes corvos que travam a “batalha final” com o tropeiro – e, por que não dizer, também com o cadáver.

Assim, temos o aparente contrassenso de uma luta com aves, seres naturalmente frágeis. No desenlace da história, porém, percebemos que as circunstâncias e o clima geral existentes tornam a luta muito complicada, já que não são somente alguns “frangos negros” a serem combatidos. Aparecem peixes, tatus, moscas, formigas, vermes e urubus. Para López, emocionalmente transtornado pela morte, pela podridão e pelo calor, a luta será, além disso, consigo mesmo:

López saltou do cavalo e abançou-se a dar de camisa no que sobrava do tropeiro. E gritava e voltava a guasquear o corpo, as moscas esvoaçavam em torno de seus pés, de sua cabeça, batendo em seus ouvidos e seu rosto. Alucinado, puxou o revólver, disparou a esmo e o tiro como o despertou. Pálido, boca aberta, começou a recuar, caiu, levantou-se, tornou a recuar, cambaleando, o vômito já lhe saía quase sem esforço... (p. 55).

O ambiente da fronteira gaúcha no verão apresenta-se violento, árido, e as inúmeras referências ao calor e ao sol realçam essas impressões:

- a) O sol já pegava de viés [...] e ele parecia mais inchado, mais verde... (p. 52).
- b) [...] o preguiçoso vento de uma manhã que se anunciava luminosa e escaldante (p. 52).
- c) Agora já reinava o sol de pico, o arvoredado sombreando curto e o baio assoleado a tropicar (p. 53).
- d) O mato era um grande forno verde e a areia já queimava no contato com a pele (p. 54).
- e) O sol do meio-dia, como toalha de água quente, ardia-lhe no pescoço, nos ombros nus... (p. 55).

O sol é decisivo e interfere diretamente nas ações do protagonista. Devido a ele, a podridão do cadáver se intensifica e a travessia vai ficando cada vez mais penosa conforme se aproxima o meio-dia. Qual o sol, o Rio Ibicuí, descrito como “aguaçal endemoniado” e túmulo de Guido Sarasua, é outro fator fora do alcance da vontade humana, outra imponente manifestação da natureza que relega ao homem o papel de vítima, não mais de agente causador dos acontecimentos. O conto possui perspectiva bastante sensível, pois os sentimentos e cismas do tropeiro, aparentemente um homem embrutecido e frio, revelam certas divagações filosóficas:

Na sua lida de partilhas, miséria, punhaladas e panos ensanguentados, via a morte e a corrupção do corpo como outro mal qualquer, como os estancieiros, a polícia, fuzileiros e fiscais do mato, não podia aceitar que numa viagem de paz viesse a ter enjoos de chininha preña (p. 53).

Contudo, López mesmo dá-se conta do inusitado de seus pensamentos, quando vincula o “mau costume” de ficar cismando e imaginando coisas aos doutores, aos preguiçosos e aos jacarés. Já no fim da viagem, quando as condições físicas para prosseguir se tornam ainda mais difíceis e ele pensa em desistir de tudo, seu

caráter se prova e ele resolve, se for preciso, lutar com os animais, seus inimigos naquela travessia:

Pensou em desatreлар o cavalo e partir a galope [...]. Mas não, não ia fazer esse papel de maula. Era um pobre diabo como todos os tropeiros, chibeiros, pescadores e ladrões de gado daquela fronteira triste. Mas jamais faltara à palavra empenhada. Prometera levar o corpo e trataria de levá-lo nem que tivesse de vomitar o próprio bucho. Ou de pelear com os bichos (p. 54).

Mesmo habituado a tarefas desse tipo e a lidar com a morte, López nega-se a admitir que perderia para os animais. Senta-se e chora, em uma demonstração de vulnerabilidade a não durar mais do que alguns minutos. Entretanto, logo se levanta e tenta ainda atirar nos corvos. Quando o último animal lhe escapa das mãos e ele vê que o bando de aves no céu só aumenta, suspeita que elas haviam vencido.

O tropeiro chega a uma conclusão muito racional sobre tudo o que estava ao seu redor: a de que assim era a lei que reinava em sua vida e na de seus companheiros, e, embora todos se ajudassem, quando alguém morria outros chegavam para partilhar os restos, não adiantando nada “guapear com frangos”. É por isso que López, na beira do Ibicuí, ao ver o corpo de Guido sendo devorado pelos corvos, percebe a pequenez que é a existência humana quando chega sua hora final.

Enxergando a si e seu amigo tão animais quanto os corvos, e ao retalhar o peito do cadáver para facilitar o acesso às entranhas, faz com que a morte, no conto de Sergio Faraco, seja vista com praticidade. O defunto de Sarasua deveria ser levado para receber as recomendações de um padre e para ter um velório decente, cabendo ao tropeiro carregá-lo. O inesperado está no ataque dos animais que, de certa forma, consideram o morto como propriedade deles. Afinal, não estava o corpo boiando no Ibicuí, abandonado?



Sob tal ponto de vista, o defunto não seria diferente de qualquer animal morto que por ali se encontrasse. Quando o tropeiro reconhece isso, forma-se o desenlace do conto. Essencial observar que a história não possui diálogos, apenas duas falas de López: uma no início, logo que fica a sós com o morto – “Fodeu-se o viejo Sarasua” (p. 52) –, e outra no final, após desembainhar o facão – “Me desculpa, índio velho” (p. 57). Nesse transcurso, o morto passa de carga a interlocutor do protagonista, o que se dá pelo simples motivo de o infortúnio aproximar os homens.

O tropeiro passa por várias dificuldades, desde o início da travessia ao momento do “façação” no peito do morto. Todos os aspectos naturais e psicológicos influenciam sua tomada de decisões, até o derradeiro momento de pedir desculpas ao cadáver por abandoná-lo aos animais. Na solidão do Pampa, López é apenas outro bicho a lutar por aquilo que acreditava ser seu. Nessa luta de iguais, perdeu, mas algo fizera por alguém. Dera o melhor de si, e essa atitude abnegada justifica sua vida.

**Referências**

- ANTELO, Raul. “Os confins como reconfiguração das fronteiras”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: n° 8, 2006.
- BENEDETTI, Mario. “Temas e problemas”. In: MORENO, César Fernández (org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7ª ed. São Paulo: Bertrand, 2004.
- FARACO, Sergio. *Contos completos*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Manilha de espadas*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.
- \_\_\_\_\_. “Guapear com frangos”. In: FARACO, Sergio. *Noite de matar um homem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. “Identidade e construção do imaginário regional em ‘Dançar tango em Porto Alegre’, de Sergio Faraco”. In: *Ciências & Letras*. Porto Alegre: n° 34, 2003.
- INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Sergio Faraco*. Porto Alegre: IEL, 1986. (Autores Gaúchos).
- READINGS, Bill. “Translatio e literatura comparada: o terror do humanismo europeu”. In: PETERSON, Michel (org.) *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. “A permanência da linhagem regionalista”. In: ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.